



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Verdadeiramente revolucionário

As origens do que hoje se denomina “cabaré” são múltiplas. Vêm pelo menos desde o século XII, em Paris, e a denominação tem a ver com “cambret”, implicando um espetáculo de variedades, em que as pessoas, ao mesmo tempo em que assistem às atrações apresentadas, comem e bebem. Seja na variante francesa (que vai chegar ao “Chat noir” ou ao “Moulin Rouge” do século XIX), tem, de qualquer modo, um aspecto de contracultura, pois permite uma versatilidade de atrações – indo da comédia à tragédia, da recitação de poemas à crítica política – do mesmo modo que seu afim alemão, que surge ao longo do período de Weimar, com maior inflexão para o aspecto de crítica política.

A diretora Patrícia Fagundes, ao inaugurar o espaço da Cia. Rústica, na avenida Alberto Bins, deu início a uma série de espetáculos denominados genericamente de “cabarés”. O mais recente e recém-estreado, *Cabaré da vida pequena*, reúne em cena André Varela, Diego Nardi, Phill, Priscilla Colombi e Sandra Possani, sendo que a própria Patrícia Fagundes atua como contra regra. A direção musical é de Simone Rasslan, o que garante, de um lado, o bom gosto na seleção musical e, de outro, a qualidade das interpretações. Álvaro Rosacosta assina as mixagens das gravações, sendo a cenografia assinada por Rodrigo Shalako, cada vez mais um nome sempre presente nas melhores produções teatrais da cidade. Os figurinos, enfim, são de Sandra Possani, com iluminação de Gustavo Baggio e da diretora Patrícia Fagundes.

Fiel à tradição do gênero, *Cabaré da vida pequena* mistura temas e climas, mas tem um núcleo de inspiração, o que chama de “vida pequena”, figuras anônimas e populares, cujo dia a dia serve como ponto de partida para o desenvolvimento dos esquetes apresentados.

Uma das qualidades do elenco escolhido por Patrícia Fagundes, e que dá versatilidade e agilidade ao espetáculo, é a competência variada de cada um dos intérpretes. Além de atores e atrizes, eles são músicos e atuam na mesa de som, de

modo que a alternância entre as figuras em cena – espaço sempre aberto e à vista do público – é uma das atrações do trabalho que, justamente por estas alternâncias exige um ritmo muito forte e a constância de fluência do texto e do movimento cênico, o que é plenamente alcançado, significando, em última análise, um conjunto de ensaios que tornou o desdobramento do trabalho compatível com sua proposta.

Cabaré da vida pequena é errático, em seu roteiro, característica do gênero: vai da comédia ao drama; passa da ficção às referências a contextos imediatos. Há, no entanto, em todo o espetáculo, de pouco mais de uma hora de duração, uma preocupação com a poeticidade. Assim, há cenas, como as das casinhas em miniatura; ou a história dos migrantes, com momentos de profunda emoção e sensibilidade, que mostram uma dramaturga-diretora atenta a todo o potencial que um espetáculo como este, com um qualificado grupo de intérpretes, pode proporcionar.

Evidentemente que, na noite de estreia, havia um espaço plenamente ocupado por convidados e público mais próximo ao grupo e que, por isso mesmo, ajudou muito no clima

de emoção que permeou todo o espetáculo. Mas, mais que isso, a estreia de *Cabaré da vida pequena* serviu também, com a presença de representantes da Petrobras, para lançar formalmente as “residências” patrocinadas por aquela empresa, aproximando grupos de Caruaru (Pernambuco), São Paulo e Porto Alegre, o que faz com que certo sentimento de isolamento e abandono que “o sul do mundo” evoca, na divulgação do espetáculo, seja ultrapassado para gerar uma verdadeira integração nacional.

O tom festivo e alegre, de comemoração, que o cabaré evoca, não impede reflexões mais sérias e aprofundamentos na abordagem dos temas escolhidos, fazendo com que este espetáculo crie expectativas de ser assistido mais do que uma vez. Porque sempre trará novidades. O formato do cabaré, neste sentido, é verdadeiramente revolucionário.

‘Cabaré da vida pequena’ é errático em seu roteiro, característica do gênero: vai da comédia ao drama



Visitação especial apresenta obras em homenagem às Quitadeiras e aos Lanceiros Negros

Palácio Piratini expõe novas esculturas sobre a presença negra

O Palácio Piratini promove, neste final de semana, uma oportunidade inédita para o público conhecer duas novas esculturas que passam a integrar seu acervo oficial, com inscrições abertas pelo site da Instituição. As obras, que homenageiam as Quitadeiras e os Lanceiros Negros, marcam um passo significativo na ampliação e na ressignificação do patrimônio do palácio, integrando as comemorações dos 105 anos da edificação, celebrados em maio.

Concebidas pelo Ateliê Coletivo Vinicius Vieira, as peças foram selecionadas pelo Edital Palácio Contemporâneo, lançado pela Secretaria de Estado da Cultura por meio do Instituto Estadual de Artes Visuais, em parceria com o Piratini. A iniciativa busca preencher uma lacuna histórica na iconografia do prédio público, promovendo um gesto de equiparação cultural ao reconhecer a contribuição e o protagonismo da população negra na formação etnográfica, social e econômica do Rio Grande do Sul.

Historicamente, a narrativa visual do palácio esteve atrelada a momentos como a Revolução Farroupilha e as representações que antecedem a Revolução de 1930, culminando nos famosos afrescos do italiano Aldo Locatelli que adornam os salões principais. De acordo com a direção do Complexo Palácio Piratini, a incorporação dessas novas esculturas faz avançar a história da arte dentro desse espaço, que recebe cerca de 25 mil visitantes por ano, estabelecendo um diálogo mais justo e representativo sobre a memória coletiva do Estado.

As duas figuras homenageadas carregam forte peso histórico: as Quitadeiras representam as mulheres negras, escravizadas ou libertas, que garantiram

autonomia e movimentaram a economia e o espaço público urbano até o início do século XX; já os Lanceiros Negros foram os combatentes que lutaram de forma heroica na Revolução Farroupilha, simbolizando a resistência e a busca por liberdade. As esculturas foram moldadas por um coletivo de seis artistas de Porto Alegre com trajetórias consolidadas em arte pública, museologia e narrativas afro-brasileiras, composto por Vinicius Vieira, Adriana Xaplin, Jeanice Dias Ramos, Paulo Corrêa, Rafael Nascimento e Sabrina Stephanou.

Com a inauguração, as obras entram definitivamente para o roteiro das visitas mediadas que acontecem rotineiramente durante a semana e que, excepcionalmente neste sábado e domingo, ganham uma edição especial estendida à Ala Residencial do palácio.



Peças de arte passam a integrar o acervo oficial da instituição pública